



contra um é um ataque contra todos) argumentando que a Europa não faz o necessário para com a sua defesa, indiciam tempos conturbados. Para Putin, tudo isto é música celestial. Desde sempre que geoestrategicamente a Rússia considera contra os seus interesses uma Europa forte, em especial, quando detecta predisposições de desafio em relação às suas zonas tradicionais de influência, como claramente evidenciou na sua intervenção na Ucrânia e na Crimeia. Veremos o que sucederá com os Estados Bálticos (que hoje pertencem à NATO).

Para a desconstrução da Europa tal como hoje existe – que parece ser uma das intenções detectáveis em Trump - nada melhor do que juntar a uma crise institucional, económica e de segurança persistentes, que tem minado a confiança dos cidadãos no projecto europeu, o potenciar da crise de refugiados... Para isso é chave a posição Turca... Se a isto adicionarmos o que se passa na Hungria e na Polónia (membros da NATO e da UE) com a ascensão do populismo saudado por Trump e, também, por exemplo, com a eleição na Bulgária (também membro da NATO e UE) de um chefe estado alegadamente pró- Russo, tornam-se ainda mais evidentes as dificuldades de articulação de políticas coerentes na Europa e na NATO o que, sem dúvida, facilitará aquela predisposição.

Teremos o regresso das inflamadas discussões dos anos noventa relativamente ao posicionamento Europa vs EUA – *Partners or Rivals?* Ou talvez já não tenhamos tempo para isso... Uma coisa é certa, a posição actual relativa da Europa é hoje muito mais fraca e os EUA não mais têm a capacidade de exercer uma hegemonia militar total (ascensão da China e da Rússia) que lhes confira a liberdade de manobra de que desfrutaram.

A tardia intenção da Europa, anunciada com “pompa” pelos Ministros dos Negócios Estrangeiros da França e da Alemanha em 28 de Junho pp, de reforçar o potencial militar compensando a saída do Reino Unido, expressa no *European Security Compact* “*EU should step by step become an independent and global actor implementing an integrated EU foreign and security policy*”, reveste-se de aspectos caricatos, se não fossem trágicos, na actual situação político-económica...

É impossível neste breve ensaio traçar um quadro global mais denso das perspectivas e da realidade que prenuncia a eleição de Trump, mas é impossível ignorar o paralelo evidente - tal como sendo politicamente incorrecto, tenho vindo a referir - com a situação que nos conduziu à tragédia das duas grandes guerras mundiais em especial: Menosprezo pelos valores, crise económica, nacionalismo exacerbado, desorientação política global, etc.... Ainda não chegámos ao nível “armamentista” da altura, mas já são evidentes os sinais da necessidade de “manter a pólvora seca” por parte de vários actores (Rússia, China, Coreias, França, EUA, Japão, Israel, Turquia, etc....) Lá chegará o tempo da Alemanha...

Se como diz Bauman, vivemos o tempo da sociedade líquida para caracterizar o triunfo do precário, poderemos extrapolar esta concepção para a Geopolítica perspectivável pós-eleição de Trump: **A geopolítica gasosa ou imponderável.**

No dia 21 de Agosto de 2017, precisamente 7 meses após o primeiro dia de Trump na Casa Branca, verificar-se-á um eclipse total do Sol nos EUA. Os nossos antepassados consideravam estes fenómenos de mau prenúncio... Espero que não tenham razão... Mas eu que sou marinheiro não posso deixar de ser supersticioso...